

**FACULDADE INTEGRADA DA AMAZÔNIA
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**CINTIA RIBEIRO DE SOUZA
RAQUEL KEILA CORRÊA DA SILVA**

**COMPORTAMENTOS DEPRESSIVOS APÓS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

**Belém/Pará
2024**

[finama.edu.br](https://www.finama.edu.br) [finamaexclusive](#) [finamaprime](#)

Av. Conselheiro Furtado, 2499 - Entre 9 de Janeiro e Alcindo Cacela
CEP: 66063-060 - Bairro: Cremação - Belém / PA - Fone: (91) 98121-2525

**CINTIA RIBEIRO DE SOUZA
RAQUEL KEILA CORRÊA DA SILVA**

**COMPORTAMENTOS DEPRESSIVOS APÓS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho apresentado ao curso de Enfermagem da Faculdade Integrada da Amazônia (FINAMA), como requisito avaliativo para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Prof^a. M.Sc. Stelacelly Coelho Toscano Silveira

**Belém/Pará
2024**

**COMPORTAMENTOS DEPRESSIVOS APÓS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

DEPRESSIVE BEHAVIORS AFTER CASES OF VIOLENCE AGAINST WOMEN: AN
INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE

Cintia Ribeiro de Souza¹
Raquel Keila Corrêa da Silva²
Stelacelly Coelho Toscano Silveira³

RESUMO

Objetivo: Identificar comportamentos depressivos após casos de violência contra a mulher, descritos na literatura nacional. **Métodos:** Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL). Este tipo de estudo divide-se em seis etapas distintas, sequenciais e que se interligam: 1) Definição da pergunta norteadora; 2) Busca da literatura; 3) Coleta de dados; 4) Análise crítica dos estudos incluídos; 5) Discussão dos resultados; 6) Apresentação da Revisão integrativa. **Revisão Bibliográfica:** Os resultados preliminares desta revisão integrativa revelam uma ampla gama de desafios que as mulheres enfrentam no contexto da violência de gênero, destacando a complexidade e a extensão desse fenômeno social. Além disso, torna-se evidente que tais desafios estão intrinsecamente ligados a impactos psicológicos significativos, delineando um quadro abrangente das consequências para a saúde mental das mulheres afetadas. **Considerações finais:** A análise integrativa da literatura sobre comportamentos depressivos após casos de violência contra a mulher revela uma complexidade de fatores interligados que influenciam a saúde mental dessas vítimas. Os estudos revisados destacam a prevalência alarmante de sintomas depressivos entre mulheres que sofreram violência, evidenciando a necessidade urgente de intervenções eficazes e abrangentes.

Palavras-chave: Depressão, Violência contra a mulher, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To identify depressive behaviors following cases of violence against women, described in the national literature. **Methods:** An Integrative Literature Review

1
2
3

(RIL) was carried out. This type of study is divided into six distinct, sequential and interconnected stages: 1) Definition of the guiding question; 2) Literature search; 3) Data collection; 4) Critical analysis of included studies; 5) Discussion of results; 6) Presentation of the Integrative Review. **Bibliographic Review:** The preliminary results of this integrative review reveal a wide range of challenges that women face in the context of gender-based violence, highlighting the complexity and extent of this social phenomenon. Furthermore, it becomes clear that such challenges are intrinsically linked to significant psychological impacts, outlining a comprehensive picture of the consequences for the mental health of affected women. **Final considerations:** The integrative analysis of the literature on depressive behaviors after cases of violence against women reveals a complexity of interconnected factors that influence the mental health of these victims. The studies reviewed highlight the alarming prevalence of depressive symptoms among women who have experienced violence, highlighting the urgent need for effective and comprehensive interventions.

Keywords: Depression, Violence against women, Nursing.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher atinge todas as classes sociais e é um legado da construção histórica das mulheres na sociedade brasileira. Atualmente, no Brasil, uma, a cada três mulheres, já sofreram algum tipo de violência e, mais de um milhão de mulheres morreram nos últimos cinco anos, em todo o planeta, em decorrência de qualquer tipo de violência. Nesse contexto, a subordinação das mulheres é um reflexo da cultura patriarcal e da concepção errônea de propriedade masculina, sendo a violência contra a mulher vista como desigualdade social no processo de desenvolvimento da sociedade, o que se constitui no uso do gênero para retratar as diferenças entre homens e mulheres (Bianco et al., 2020; Frazão et al., 2020; Zancan et al., 2018).

No Brasil, por sua alta incidência, a violência contra a mulher é considerada um problema prioritário de saúde pública, onde vários são os fatores relacionados a este evento, tais como: alcoolismo do parceiro, desemprego, baixo nível socioeconômico da vítima, falta de redes de apoio e dependência emocional do agressor (Frazão et al., 2020; Zancan et al., 2018).

Nessa perspectiva, mulheres vítimas de violência têm maior probabilidade de desenvolver transtornos mentais comuns, sendo essencial a detecção precoce

dessas lesões, com vistas à minimização dos danos à saúde física e mental das mulheres, contribuindo para ações respeitosas e igualitárias (Frazão et al., 2020; Zancan et al., 2018). Nesse contexto, a violência praticada pelo parceiro íntimo é um fenômeno comum, principalmente entre as mulheres, associando-se a problemas de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, uso de substâncias, transtornos alimentares e uma série de doenças psicossomáticas (Souza et al., 2018).

É válido mencionar que a violência e a depressão, em si, não afetam somente as vítimas, mas também aqueles que testemunham ou vivem em um ambiente violento. Por exemplo, os filhos que testemunham a violência entre os pais podem começar a reproduzir tais atos, identificando ou imitando agir de maneira semelhante com irmãs, colegas de classe e, no futuro, com namoradas e esposas/parceiras (Bianco et al., 2020; Marques et al., 2020).

Nesse íterim, a violência doméstica e a violência contra a mulher não é algo recente, estando presente em todas as fases da história. Porém, apenas no século XIX, com a constitucionalização dos Direitos Humanos, a violência passou a ser analisada com maior profundidade e apontada por diversos setores representativos da sociedade, tornando-se, assim, um assunto central para a humanidade, bem como um grande desafio discutido por várias áreas de conhecimento, iniciando o enfrentamento pela sociedade (Bittar; Kohlsdorf, 2017; Silva; Azeredo, 2019; Azuelo et al., 2020).

Dessa forma, este estudo se justifica por inúmeras vivências das pesquisadoras em assistência e convivência com mulheres vítimas de violência, principalmente, em âmbito familiar e de trabalho. Espera-se, portanto, que os resultados deste estudo contribuam para a sensibilização do público em geral, agregando mais indivíduos na luta e defesa dos direitos da mulher.

O estudo dos comportamentos depressivos após casos de violência contra a mulher é crucial para compreender as dimensões psicológicas do trauma vivenciado por essas mulheres. A depressão é uma condição mental debilitante que pode surgir como resposta a eventos traumáticos, sendo a violência de gênero uma das formas mais devastadoras de trauma. Ao explorar a relação entre esses dois elementos, busca-se contribuir para uma compreensão mais abrangente das consequências da violência contra a mulher, indo além das manifestações físicas visíveis (Frazão et al., 2020; Zancan et al., 2018).

A violência contra a mulher é uma manifestação dramática e persistente de desigualdade de gênero, que não apenas viola os direitos humanos, mas também deixa sequelas profundas na saúde mental das vítimas.

Esta questão centraliza-se na necessidade de compreender não apenas a presença da depressão como uma possível consequência da violência, mas também busca investigar os mecanismos subjacentes que podem modular e agravar esses comportamentos depressivos. Explorar a complexidade dessa relação permitirá uma visão mais aprofundada sobre como os eventos traumáticos impactam a saúde mental das mulheres, fornecendo insights valiosos para estratégias de intervenção, prevenção e apoio psicossocial.

MÉTODOS

Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL). Este tipo de estudo divide-se em seis etapas distintas, sequenciais e que se interligam: 1) Definição da pergunta norteadora; 2) Busca da literatura; 3) Coleta de dados; 4) Análise crítica dos estudos incluídos; 5) Discussão dos resultados; 6) Apresentação da Revisão integrativa (Souza, 2010). Foi utilizada a estratégia PICO para a definição da questão de pesquisa, sendo o problema a violência contra a mulher, o fenômeno de interesse, os comportamentos depressivos e, o contexto, relaciona-se ao momento após os atos violentos.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados indexadas À Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), são elas: LILACS, BDNF e Scielo, durante os meses fevereiro e março de 2024, considerando como estratégias de busca os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) depressão, “violência contra a mulher” e enfermagem, combinados pelo operador booleano AND. A amostra do estudo foi constituída por artigos disponíveis na íntegra, gratuitos, publicados no período de 2020 a 2023, em português, que respondam à questão de pesquisa. Editoriais, dissertações, teses e artigos de revisão serão excluídos.

Para facilitar a organização do conteúdo dos artigos, foi criado um instrumento de coleta de dados baseado no título do trabalho, autores, ano de publicação, objetivos e resultados. Como recurso didático, o conjunto de características que envolveram as publicações foi agrupado em forma de quadro e logo após, foram discutidos relacionando-se entre si seus resultados e discussões. Os riscos do estudo foram mínimos, visto que se trata de uma revisão integrativa. Entende-se que não

acarretou nenhum dano e prejuízo à sociedade, sendo que as informações obtidas foram através de banco de dados secundários de livros e artigos científicos.

Como benefícios, espera-se que o atual estudo possa servir de base para novas diretrizes e programas de atualização profissional, haja vista a importância da atuação da enfermagem no contexto da violência contra a mulher.

RESULTADOS

Os resultados preliminares desta revisão integrativa revelam uma ampla gama de desafios que as mulheres enfrentam no contexto da violência de gênero, destacando a complexidade e a extensão desse fenômeno social. Além disso, torna-se evidente que tais desafios estão intrinsecamente ligados a impactos psicológicos significativos, delineando um quadro abrangente das consequências para a saúde mental das mulheres afetadas. Dessa forma, segue o descritivo dos artigos encontrados de acordo com o **Quadro 1**.

Quadro 1 – Síntese dos artigos segundo código, título, autores, revista, base de dados, ano e objetivo. Belém- PA, 2024.

Nº	TÍTULO	AUTORES	REVISTA	BASE DE DADOS	ANO	OBJETIVO
A1	Prevalência e fatores associados à violência contra as mulheres rurais: um estudo transversal, Pesquisa Nacional de Saúde, 2019	STOCHER O L, et al.	Ciênc. Saúde Colet.	LILACS	2023	Estimar a prevalência e os fatores associados à violência contra as mulheres rurais
A2	Os impactos da violência entre mulheres em relação íntima: uma revisão integrativa da literatura	MOTA FL, et al	Ciênc. Saúde Colet.	LILACS	2023	Identificar i mpactos culturais, sociais e de saúde causadas pela violência na parceria íntima (VPI) em mulheres homoafetivas (MOH) e biafetivas (MOB).

A3	Ciúme, Violência Conjugal e Saúde Mental: Prevalência e Fatores Associados	LEMOS DC, et al.	Quad. psicol.	MEDLINE	2022	Mensurar a associação entre ciúme, violência conjugal e saúde mental (ansiedade, depressão e estresse).
A4	Agravos à saúde mental de mulheres em situação de violência doméstica	STOCHER O L, et al.	Rev. Bras. Psicoter.	BDEF	2022	Analisar os efeitos percebidos na saúde mental de mulheres que se encontram em situação de violência doméstica.
A5	Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural	OLIVEIRA ASL, et al.	Preprint em Português	BDEF	2020	Estimar a prevalência e fatores associados à violência psicológica praticada por parceiro íntimo contra a mulher residente em zona rural do
	do Rio Grande do Sul, 2017					Rio Grande do Sul, Brasil, 2017.
A6	Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão	FRAZÃO MCLO, et al.	REME rev. min. enferm	SCIELO	2020	Identificar a violência praticada por parceiro íntimo a mulheres com depressão.

Fonte: BVS, 2024.

Observa-se de acordo com os resultados encontrados de 66% dos artigos foram publicados nos anos de 2023 e 2022, fato esse que confirma a atualidade dos dados encontrados. Além disso, observou-se uma variedade nas bases de dados, sendo a BDEF e LILACS responsáveis por 66% de todos os achados científicos.

Os artigos científicos encontrados exploram as diversas facetas da violência doméstica, desde suas raízes históricas até as manifestações contemporâneas. Através de uma análise cuidadosa, os pesquisadores examinam os padrões, fatores de risco, efeitos psicológicos e as complexas dinâmicas de poder presentes nas relações afetadas por esse problema social como descrito no **Quadro 2**.

Quadro 2– Síntese dos artigos segundo método, resultados, recomendações/conclusões. Belém, PA, 2024.

Nº	MÉTODO	RESULTADOS	RECOMENDAÇÕES / CONCLUSÃO
A1	Trata-se de um estudo transversal, com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do ano de 2019. A PNS é um inquérito nacional de base domiciliar, representativo da população residente em domicílios particulares, de áreas urbanas e rurais, por grandes regiões nacionais, estados, capitais e regiões metropolitanas, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).	Podemos perceber que a violência vivenciada pelas mulheres repercute em seu estado de saúde. Observamos, neste estudo, que a prevalência de ter sofrido algum tipo de violência aumentou à medida que os relatos de auto percepção de saúde foram piores.	O estudo apontou uma preocupante prevalência de violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais nos últimos 12 meses, em especial no que se refere às adultas mais jovens, às solteiras e divorciadas, com ensino fundamental ou médio e as que tinham até o superior incompleto, com piores percepções de saúde e que tinham algum problema de saúde mental. Além disso, as mulheres que relataram ter sofrido violência psicológica, física ou sexual nos últimos 12 meses reportaram também que a residência foi o local de maior ocorrência das agressões.
A2	Trata-se de um estudo de revisão integrativa que incorpora uma diversidade de perspectivas metodológicas. Combinou-se assim a soma de dados teóricos e empíricos, propiciando uma compreensão abrangente do objeto de estudo.	O fenômeno da violência na parceria íntima é complexo e seus contextos invisibilizados, tornando-o não reconhecido como problema a ser enfrentado sendo assim repleto de efeitos e impactos.	O estudo possibilitou integrar diferentes contextos que envolvem a violência contra a mulher na parceria íntima em relações homossexuais e bissexuais vivenciadas e os impactos dessas agressões ao longo de suas vidas.



A3	Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo, transversal, comparativo e correlacional	Diante do estudo realizado pode-se observar que os índices de violência conjugal verificados nesta pesquisa foram elevados, especialmente considerando-se que a amostra não foi derivada de contextos clínicos. Além disso, constatou-se que as correlações entre as variáveis de ciúme, violência conjugal e saúde mental foram significativas, especialmente na amostra feminina, e muitas variáveis sociodemográficas apresentaram diferenças significativas ao serem comparadas com fatores de ciúme.	Assim, foi possível observar que a partir da descrição da prevalência do ciúme, da violência conjugal e dos fatores de saúde mental (ansiedade, depressão e estresse) e sua relação com os fatores sociodemográficos, é relevante refletir em como os contextos de violência conjugal podem estar relacionados a fatores tanto individuais quanto sociais.
A4	Trata-se de um estudo qualitativo, do qual participaram 19 mulheres em situação de violência doméstica e com agravos na saúde mental, atendidas no Centro de Referência da Mulher em um município do nordeste brasileiro.	Houve relatos de exaustão emocional constatada pelo medo, pelo choro excessivo, pela agressividade e pela tristeza constante, além da diminuição da autoestima, que causou insegurança, sentimento de impotência e desvalorização de si mesmas. Algumas participantes associaram esses sintomas a psicopatologias (depressão, ansiedade e loucura). Os serviços de saúde devem disponibilizar atendimento especializado para as mulheres em situação de violência, a fim de que possam ser realizadas intervenções específicas no campo da saúde mental.	Faz-se urgente que sejam elaboradas e executadas estratégias de prevenção da violência, o que demanda um trabalho básico com a educação que atue na contramão das práticas enraizadas na cultura e perpetuadas nas práticas cotidianas.
A5	Estudo transversal de base populacional, com mulheres de 18-49 anos que tiveram parceiro íntimo na vida. Foram aplicadas questões do World Health Organization Violence Against Women Study. Utilizou-se regressão de Poisson para	Essa produção ocorreu entre o final do mês de maio e início do mês de junho de 2021 de forma online, tendo como público alvo os adultos jovens amazônidas dessa região. A elaboração do produto deu-se por meio de três etapas: A pesquisa do tema para fins de roteiro e produção; Construção de um resumo	Conclui-se que a violência psicológica contra a mulher está presente no perímetro rural do município de Rio Grande, RS, apresentando relação com depressão e uso de álcool, além de afetar diferentes subgrupos. É interessante atentar para o fato de que as prevalências das diferentes formas de violência
	estimar razões de prevalências (RP) e intervalos de confiança de 95% (IC95%).	expandido e avaliação da cartilha e resumo pelas docentes.	psicológica identificadas foram inferiores às encontradas no estudo pioneiro na validação do instrumento utilizado, 20 realizado há mais de uma década.

A6	<p>Pesquisa qualitativa realizada de janeiro a abril de 2017 com 29 mulheres que apresentavam depressão e eram acompanhadas em um Centro de Atenção Integral à Saúde em João Pessoa, Paraíba. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, utilizando-se um roteiro semiestruturado. As falas foram processadas pelo software IRAMUTEQ e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo.</p>	<p>Os resultados revelaram que, embora tenham ocorrido avanços na política de saúde e proteção à mulher, como a sanção da Lei Maria da Penha, em 2006, a temática da violência por parceiro íntimo ainda é marcante na sociedade, deixando graves consequências às vítimas e suas famílias. Assim, tornam-se necessários a formulação e/ou fortalecimento das medidas políticas em busca da garantia de proteção efetiva para as mulheres.</p>	<p>Percebeu-se estreita relação entre a violência perpetrada por parceiro íntimo e o diagnóstico de depressão, com consequências danosas para a mulher e suas relações familiares.</p>
----	--	--	--

Fonte: BVS, 2024.

A literatura se dedica a destacar intervenções eficazes e políticas públicas necessárias para combater a violência doméstica, como profissionais capacitados para o lidar em saúde desse público, assim como instituições em saúde especializados nesse contexto. O diálogo entre diferentes disciplinas, como psicologia, sociologia, direito e assistência social, se torna evidente, demonstrando a necessidade de uma abordagem holística para enfrentar esse desafio como descrito no **Quadro 3**.

Quadro 3. Categorização dos artigos encontrados segundo o objetivo da pesquisa. Belém, PA, 2024.

CÓDIGO	ENVOLVIDOS NA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	PAPEL DO ENFERMEIRO
A1	<p>A violência contra a mulher é uma triste realidade que persiste em nossa sociedade, atravessando fronteiras geográficas, culturais e socioeconômicas.</p>	<p>A violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública que demanda a atenção e a intervenção de profissionais de diversas áreas, incluindo enfermeiros, que desempenham um papel crucial na identificação, apoio e encaminhamento das vítimas. Além disso, é essencial compreender o risco associado de depressão, reconhecendo o papel vital que os enfermeiros têm na promoção da saúde mental.</p>
A2	<p>Este fenômeno nefasto não apenas prejudica a integridade física e psicológica das mulheres, mas também está intrinsecamente ligado a uma série de desafios, incluindo o aumento do risco de depressão.</p>	<p>Em sua atuação, os enfermeiros desempenham um papel de proximidade e confiança com os pacientes, o que os coloca em uma posição única para identificar sinais de violência contra a mulher.</p>
A3	<p>A violência de gênero, seja física, verbal, psicológica ou sexual, cria um ambiente tóxico que mina a autoestima e a saúde mental das mulheres. A exposição contínua a situações</p>	<p>Durante consultas e procedimentos de rotina, é fundamental que os enfermeiros estejam atentos a indicadores físicos e emocionais que possam sugerir a</p>

	de abuso pode resultar em um ciclo de traumas, amplificando os desafios emocionais que as vítimas enfrentam.	presença de abuso. O estabelecimento de uma relação de confiança e a criação de um ambiente acolhedor são fundamentais para encorajar as mulheres a compartilharem suas experiências.
A4	A constante sensação de vulnerabilidade e medo pode levar a um estado de alerta constante, contribuindo para a manifestação de transtornos mentais, como a depressão.	Ao identificar casos de violência, os enfermeiros desempenham um papel crucial ao oferecerem suporte emocional e informações sobre recursos disponíveis. Além disso, podem desempenhar um papel vital na orientação sobre os procedimentos legais e no encaminhamento para serviços especializados, como centros de apoio às vítimas de violência.
A5	O estigma social e a falta de apoio adequado para as vítimas de violência tornam ainda mais difícil para as mulheres buscarem ajuda. O medo de julgamento, rejeição ou retaliação muitas vezes as impede de denunciar os agressores ou procurar auxílio psicológico.	O risco de depressão em mulheres vítimas de violência é uma preocupação adicional. Os enfermeiros são fundamentais na triagem e avaliação da saúde mental, reconhecendo os sintomas de depressão e oferecendo intervenções precoces. Isso pode envolver o encaminhamento para serviços de psicologia, psiquiatria ou grupos de apoio.
A6	O ciclo de violência contra a mulher e o risco de depressão são interconectados, exigindo abordagens holísticas para enfrentar esses desafios. A conscientização pública, a implementação efetiva de políticas de combate à violência de gênero e o fortalecimento dos sistemas de apoio são componentes cruciais para criar um ambiente mais seguro e propício à recuperação das vítimas.	Os enfermeiros têm o poder de educar as mulheres sobre estratégias de enfrentamento, autocuidado e a importância de procurar ajuda profissional quando necessário. A sensibilização para questões de saúde mental, desmistificando o estigma associado à depressão, é uma parte essencial do trabalho dos enfermeiros.

Fonte: BVS, 2024.

DISCUSSÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo e multifacetado que persiste em desafiar as sociedades modernas em todo o mundo. Essa forma de violência, que pode manifestar-se de diversas maneiras, incluindo física, psicológica, sexual e econômica, representa uma violação flagrante dos direitos humanos e uma barreira significativa para a igualdade de gênero (Stochero L, et al., 2023).

Um dos principais desafios envolvidos na abordagem da violência contra a mulher é a persistência de normas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero e legitimam formas de controle e dominação masculina sobre as mulheres. Essas normas muitas vezes perpetuam estereótipos prejudiciais sobre papéis de gênero e contribuem para a naturalização da violência como um comportamento aceitável em certos contextos (Mota FL, et al., 2023).

Tal fato corrobora os dados de Lemos DC, et al (2022), onde a falta de

conscientização e educação sobre os direitos das mulheres e sobre as dinâmicas da violência de gênero é outro desafio significativo. Muitas mulheres podem não reconhecer os sinais de abuso ou podem sentir-se incapazes de denunciar a violência devido ao medo, à vergonha ou à dependência econômica do agressor.

Ainda sobre o assunto, Stochero L, et al. (2023) afirma que a resposta institucional à violência contra a mulher também enfrenta desafios significativos. Muitas vezes, os sistemas judiciais e de aplicação da lei são insuficientemente sensíveis às necessidades das vítimas, e as mulheres podem enfrentar obstáculos ao buscar justiça, como a falta de acesso a recursos legais, a revitimização durante o processo judicial e a impunidade dos agressores.

Além disso, a falta de recursos e serviços de apoio adequados, como abrigos para mulheres em situação de violência, linhas diretas de emergência e serviços de aconselhamento, representa um desafio adicional. Muitas mulheres podem sentir-se isoladas e desamparadas ao enfrentar a violência, sem acesso aos recursos necessários para buscar ajuda e proteção (Mota FL, et al., 2023).

Dados da pesquisa de Lemos DC, et al. (2022) afirmam que é crucial abordar esses desafios de maneira holística e colaborativa, envolvendo governos, organizações da sociedade civil, o setor privado e a comunidade em geral. Isso requer a implementação de políticas e leis que promovam a igualdade de gênero, o fortalecimento dos sistemas de justiça e de aplicação da lei para garantir uma resposta eficaz à violência contra a mulher, e o fornecimento de recursos e serviços de apoio acessíveis e culturalmente sensíveis para as vítimas.

Além disso, é fundamental promover a conscientização pública e educar sobre os direitos das mulheres e sobre as dinâmicas da violência de gênero, visando transformar as normas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade e a violência. Somente através de esforços coordenados e sustentados podemos esperar criar sociedades onde todas as mulheres possam viver livres de violência e desfrutar de seus direitos humanos fundamentais (Stochero L, et al., 2023).

Evitar casos de violência contra a mulher requer um esforço conjunto e contínuo de toda a sociedade, desde instituições governamentais até organizações da sociedade civil e indivíduos. Existem diversas ações previstas e implementadas com o objetivo de prevenir e reduzir a incidência desse tipo de violência, promovendo uma cultura de respeito, igualdade e segurança para todas as mulheres (Stochero L, et al., 2022).

Stochero L, et al. (2022) continua a afirmar que investir em programas educacionais que abordem questões de gênero, direitos das mulheres e prevenção da violência desde a infância até a idade adulta é essencial. Esses programas podem ser integrados ao currículo escolar, promovendo a reflexão sobre estereótipos de gênero e o respeito mútuo entre meninos e meninas.

Realizar campanhas de conscientização em larga escala, por meio de mídias sociais, campanhas publicitárias e eventos comunitários, pode ajudar a desnaturalizar a violência contra a mulher e incentivar a denúncia de casos de abuso (Oliveira ASL, et al., 2020). Implementar e fortalecer leis que protejam os direitos das mulheres e garantam a punição dos agressores é fundamental. Além disso, é necessário capacitar os profissionais do sistema judicial para lidar de forma sensível e eficaz com os casos de violência contra a mulher (Mota FL, et al., 2023).

Garantir o acesso das mulheres vítimas de violência a serviços de apoio, como abrigos, linhas diretas de emergência, assistência jurídica e psicológica, é crucial para oferecer proteção e suporte às vítimas (Frazão MCLO, et al., 2020). Promover o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, programas de capacitação profissional e microcrédito pode ajudar a reduzir sua dependência econômica dos agressores e aumentar sua autonomia e capacidade de tomar decisões sobre suas vidas (Stochero L, et al., 2023).

Envolver a comunidade na prevenção da violência contra a mulher, por meio de grupos de apoio, redes de solidariedade e iniciativas locais, pode contribuir para criar um ambiente de apoio e proteção às mulheres em situação de vulnerabilidade (Frazão MCLO, et al., 2020). Desenvolver políticas públicas que abordem de forma integrada as diversas formas de violência contra a mulher, considerando suas interseções com raça, classe, orientação sexual e outras formas de discriminação, é essencial para uma abordagem eficaz e abrangente (Mota FL, et al., 2023).

A violência psicológica ou espiritual inclui abuso repetido, prisão ou privação de recursos materiais, financeiros e pessoais. Para algumas mulheres, os insultos e a tirania constantes são tão sérios quanto os insultos físicos, porque minam a autoestima, a autoconfiança e a segurança. Um incidente de violência física pode exacerbar o impacto e a importância da violência psicológica, para as mulheres, a coisa mais assustadora sobre a violência psicológica não é a violência em si, mas a vida de tortura mental e medo (Stochero L, et al., 2023).

Portanto, esse tipo de violência deve ser analisado como um grave problema

de saúde pública, valendo, portanto, discutir, ampliar a prevenção e formular políticas públicas específicas para combatê-la. É preciso enfatizar que a violência psicológica não afeta apenas diretamente as vítimas, afeta também todas as pessoas que testemunham ou vivem em situações de violência, por exemplo, crianças que testemunharam violência psicológica entre seus pais podem começar a replicar essa violência por meio da identificação ou imitação e começar a se comportar de maneira semelhante com suas irmãs, colegas de classe e futuras namoradas e esposas/parceiras (Oliveira ASL, et al., 2020).

Os transtornos mentais habituais das mulheres são mais comuns, outro problema relacionado aos transtornos mentais comuns das mulheres é a violência. Mulheres que relatam diferentes tipos de violência praticada pelo parceiro íntimo sofrem transtornos mentais comuns, considerando que a detecção precoce dessas lesões é importante para minimizar a saúde física e mental das mulheres (Oliveira ASL, et al., 2020).

A violência praticada pelo parceiro íntimo é um fenômeno comum, principalmente entre as mulheres. Está relacionado a problemas de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, uso de substâncias, transtornos alimentares e uma série de doenças psicossomáticas (Stochero L, et al., 2023).

Estudos têm mostrado que a violência nas relações familiares envolve comportamentos, palavras e pensamentos que prejudicam a imagem pessoal de alguém diante de si mesmo e dos outros. Os sentimentos formados podem afetar a vida espiritual da vítima e gerar o desenvolvimento de traumas emocionais causados por relações agressivas em que as pessoas são vítimas de violência e podem ser registrados como marcadores de traumas em sua psicologia. Muitas situações que ocorrem nestas famílias não são objeto de Boletim de Ocorrência (BO) por se tratarem de assuntos de família e, de acordo com a legislação nacional, só podem ser tratadas na mesma privacidade (Mota FL, et al., 2023).

A mulher agredida e sua vida mudarão mais ou menos de forma duradoura, ainda que a sua forma de responder às agressões ajude a estabelecer com o agressor uma relação autonutritiva, o que dá a impressão de "simetria", não se pode esquecer que esta pessoa sofre ou sofreu com esta situação e que na maioria das vezes, não são responsáveis. Embora as vítimas se queixem de seus parceiros ou das pessoas que moram com elas, raramente percebem a existência dessa terrível violência

“escondida” e se atrevem a reclamar (Stochero L, et al., 2023).

A avaliação pessoal das vítimas de violência está mais propensa à desvalorização da autoconsciência, falta de esperança e sentimento de impotência, como pessoa sem poder e sem direitos, além de problemas no desenvolvimento da intimidade e do comportamento sexual, quando a vítima está longe do parceiro do agressor, ela pode ficar satisfeita com o trabalho, a saúde ou a família, melhorando a saúde mental e a autonomia (Mota FL, et al., 2023).

O enfermeiro desempenha um papel fundamental no enfrentamento dos diversos tipos de violência contra a mulher, atuando tanto na prevenção quanto no suporte às vítimas. Como profissional de saúde capacitado e com um papel central na assistência aos pacientes, o enfermeiro possui uma posição privilegiada para identificar sinais de violência e intervir de forma eficaz (Stochero L, et al., 2023).

Segundo Frazão MCLO, et al. (2020) e Mota FL, et al. (2023) o enfermeiro é muitas vezes o primeiro profissional de saúde a entrar em contato com uma mulher que pode ser vítima de violência. Durante a triagem inicial, o enfermeiro deve estar atento a sinais físicos, emocionais e comportamentais que possam indicar a ocorrência de violência, mesmo que a paciente não relate explicitamente. Ao perceber sinais de violência, o enfermeiro deve oferecer um ambiente seguro e acolhedor para que a paciente possa compartilhar sua experiência. A prática da escuta ativa, livre de julgamentos, é essencial para que a mulher se sinta confortável em relatar sua situação e buscar ajuda (Mota FL, et al., 2023).

O enfermeiro é responsável por avaliar o risco de danos adicionais à paciente e garantir sua segurança imediata. Isso pode envolver a realização de uma avaliação de segurança e a elaboração de um plano de ação para proteger a mulher de novos episódios de violência (Frazão MCLO, et al., 2020). O enfermeiro deve estar ciente dos recursos disponíveis na comunidade para mulheres em situação de violência e encaminhar a paciente para serviços especializados, como centros de atendimento a vítimas de violência doméstica, abrigos temporários, serviços de aconselhamento e assistência jurídica (Oliveira ASL, et al., 2020).

Além de garantir o tratamento adequado para quaisquer lesões físicas decorrentes da violência, o enfermeiro também pode oferecer apoio psicossocial à mulher, ajudando-a a lidar com o trauma emocional e a reconstruir sua autoestima e autonomia (Stochero L, et al., 2023).

O enfermeiro tem um papel importante na defesa dos direitos das mulheres e

na promoção de políticas de saúde que abordem a violência de gênero. Isso pode envolver a participação em campanhas de conscientização, a advocacia por políticas públicas que fortaleçam a resposta à violência contra a mulher e o engajamento em iniciativas comunitárias de prevenção (Mota FL, et al., 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise integrativa da literatura sobre comportamentos depressivos após casos de violência contra a mulher revela uma complexidade de fatores interligados que influenciam a saúde mental dessas vítimas. Os estudos revisados destacam a prevalência alarmante de sintomas depressivos entre mulheres que sofreram violência, evidenciando a necessidade urgente de intervenções eficazes e abrangentes. A exposição à violência de gênero não apenas aumenta o risco de desenvolver depressão, mas também perpetua um ciclo de trauma e adversidades psicossociais. Além disso, a falta de apoio social, recursos adequados e serviços de saúde mental acessíveis agrava ainda mais a situação.

REFERÊNCIAS

1. AZUELO, Nany Camilla Sevalho et al. Prevalência de depressão em pessoas que vivenciaram violência por parceiro íntimo: revisão sistemática com meta-análise. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, p. e84985094-e84985094, 2020.
2. AZUELO, Nany Camilla Sevalho et al. Prevalência de depressão em pessoas que vivenciaram violência por parceiro íntimo: revisão sistemática com meta-análise. *Research, Society and Development*, v. 9, n.8, p. e84985094-e84985094, 2020.
3. BIANCO, Omar Moreira Del et al. Trauma infantil, violência contra a mulher e depressão na vida adulta: um olhar à luz da psicanálise winnicottiana. 2020.
4. BIANCO, Omar Moreira Del et al. Trauma infantil, violência contra a mulher e depressão na vida adulta: um olhar à luz da psicanálise winnicottiana. 2020.
5. BITTAR, Danielle; KOHLSDORF, Marina. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. *Psicologia Argumento*, v. 31, n. 74, 2017.
6. BITTAR, Danielle; KOHLSDORF, Marina. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. *Psicologia Argumento*, v. 31, n. 74, 2017.
7. CURIA, Beatriz Gross et al. Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020.

8. DE FREITAS, Camila Guarini; DA SILVA, Roberta Barbosa. A violência contra mulher e a psicologiadante dessa realidade na perspectiva da atenção básica. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 1, 2019.
9. DE OLIVEIRA, Cristiane; BRAGA, Denis Conci. Diagnóstico autorreferido de depressão em indivíduos que sofreram violência por pessoa conhecida: uma análise da Pesquisa Nacional. *RELATOS DE CASOS*, v. 64, n. 1, p. 75-82, 2020.
10. DE OLIVEIRA, Cristiane; BRAGA, Denis Conci. Diagnóstico autorreferido de depressão em indivíduos que sofreram violência por pessoa conhecida: uma análise da Pesquisa Nacional. *RELATOS DE CASOS*, v. 64, n. 1, p. 75-82, 2020.
11. FRAZÃO, Maria Cristina Lins de Oliveira et al. Violência em mulheres com diagnóstico de depressão. *Revista Mineira de Saúde*, v. 23, p. 1-6, 2019.
12. FRAZÃO, Maria Cristina Lins Oliveira et al. Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão. *Revista Mineira de Saúde*, v. 24, p. 1-7, 2020.
13. FRAZÃO, Maria Cristina Lins Oliveira et al. Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão. *Revista Mineira de Saúde*, v. 24, p. 1-7, 2020.
14. LAWRENZ, Priscila et al. Violência contra mulher: notificações dos profissionais da saúde no Rio Grandedo Sul. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, 2019.
15. LIMA, Francisca Sueli da Silva et al. Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, 2017.
16. MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, p. e00074420, 2020.
17. SILVA, Aline Natália; AZEREDO, Catarina Machado. Associação entre vitimização por violência entre parceiros íntimos e depressão em adultos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, p. 2691-2700, 2019.
18. SILVA, Aline Natália; AZEREDO, Catarina Machado. Associação entre vitimização por violência entre parceiros íntimos e depressão em adultos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, p. 2691-2700, 2019.
19. SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; REZENDE, Fernanda Ferreira. Violência contra mulher: concepções e práticas de profissionais de serviços públicos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 21-38, 2018.
20. SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, p. 102-106, 2010.
20. ZANCAN, Natália; HABIGZANG, Luísa Fernanda. Regulação emocional,

sintomas de ansiedade e depressão em mulheres com histórico de violência conjugal. Psico-USF, v. 23, p. 253-265, 2018.